"O CORPO JÁ NÃO ERA CORPO, ERA DANÇA": PARA PENSARMOS EM ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Rachel Diógenes Mendonça Vieira[1]; Gerbet Dantas dos Santos[2]

[1]Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), rachel.vieira@aluno.uece.br

[2]Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Prefeitura Municipal de Fortaleza, Ceará, gerbetdantas@gmail.com

Introdução

A educação brasileira tem enfrentado, ao longo das últimas décadas, inúmeros desafios estruturais que se relacionam à qualidade do que se ensina, à formação integral dos estudantes e à formação dos professores. Nesse cenário, elaborar pesquisas para fomentar saídas é essencial.

"O corpo já não era corpo, era dança" é uma frase comumente atribuída a Jorge Amado sem a devida seriedade dos créditos. O movimento do corpo perpassa suas obras e nos chega aqui, ela cosmologia dessa frase, para nos imbuir de uma leitura poética e necessária quando queremos elaborar pesquisas, conversar sobre "novos" caminhos, novos passos, novas coreografias.

O presente texto surgiu a partir das reflexões, enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e também uma professora de dança, que há 3 anos trabalha com crianças de escola pública de diferentes faixas etárias. A partir dessas experiências, um questionamento: "até onde a arte que ensino ultrapassa as paredes da sala?". Assim, o presente trabalho tem como **objetivo** discutir a dança como estratégia psicomotora no contexto da escola pública, entrelaçando aos estudos e leituras a minha trajetória enquanto professora de dança.

Considerando suas implicações pedagógicas e sociais, partimos da compreensão de que o movimento é elemento fundamental no processo educativo, favorecendo não apenas aspectos motores, mas também cognitivos, sociais e emocionais. Desse modo, é para discutir a inserção da Arte nas escolas públicas, em específico a dança, que chamamos à reflexão, por compreendermos a importância da arte como um objeto de articulação entre o que se ensina e às práticas sociais de construção das nossas identidades.

Na próxima seção, a opção metodológica para o alcance do objetivo descrito.

Metodologia

Para discutir a dança enquanto uma estratégia psicomotora no contexto da escola pública recorremos a uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Segundo Minayo (1994), esse percurso metodológico nos possibilita uma aproximação necessária ao objeto estudado, por conseguinte uma possibilidade direta de leitura e intervenção na realidade.

Abaixo, apresentamos as discussões e os resultados que construímos em torno da temática em tela.

Resultados e discussão

Para início de conversa, precisamos nos posicionar quanto ao conceito de psicomotricidade. Segundo a Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP), é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento, e as intrínsecas relações com mundo interno e externo, relacionado ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas.

A psicomotricidade é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, englobando funções cognitivas, sociais e motoras. Sendo fundamental para precaver dificuldades de aprendizagem, melhorar a coordenação motora, lateralidade, equilíbrio e consequentemente estimular a socialização.

É importante estabelecer a relação entre o corpo e movimento, quando falamos de corpo é associado a algo físico e atômico, mas quem já tem uma experiência dançante entende que a relação com o corpo vai além do físico e sim sobre sentir cada parte dele, é sobre autoconhecimento, o movimento vem como além do físico, aquilo que vem a partir da expressão e "sentir".

Assim como Paulo Freire (1967), em sua obra "Pedagogia como prática de liberdade", que propõe uma educação libertadora, dialógica e conscientizadora, contrapondo a domesticação e passividade, relacionando assim com a dança que promove o movimento como uma prática de liberdade que ultrapassa normas e permite a exploração de emoções e sensações, promovendo também uma criticidade no movimento, tendo em vista que ele também pode ser uma manifestação.

A dança, historicamente, chega às escolas atrelada à Educação Física, e "é reconhecida como uma arte de execução, que é caracterizada pela intenção e habilidade para usar o movimento simbolicamente, a fim de criar significado" (Freire; Rolfe, 1999, p. 33-34). Segundo as autoras, a dança pode ser compreendida para além de um componente curricular, envolvendo formas de usar a imaginação e explorar o mundo em volta, atribuindo sentido e propondo mudanças.

A partir da análise das práticas desenvolvidas ao longo da minha trajetória acadêmica, pude entender que a inserção da dança como estratégia psicomotora contribui significativamente na manifestação dos estudantes, tendo em vista que já existe uma relação desde os primeiros anos de vida, assim como menciona a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na Educação Infantil:

> Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a

> música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. [...] (BNCC, 2018, p. 40).

Analisando assim, a BNCC é um referencial que salienta que o corpo é o sujeito principal quanto ao desenvolvimento motor, para isso então a ludicidade é a maior aliada para fazermos atividades que apropriam o movimento corporal, como as brincadeiras.

Nesse sentido, a dança ultrapassa a dimensão artística e assume papel pedagógico relevante, especialmente no contexto da escola pública, onde muitas vezes as práticas corporais são secundarizadas que, dialogando com Henri Wallon (1975), é o *lócus* onde o movimento pode ser considerado um elemento estruturante do desenvolvimento infantil, integrando emoção, cognição e ação.

Entretanto, quando olhamos para o cenário da escola pública, passamos por diversos desafios por não ser prioridade na prática pedagógica. Rocha e Rodrigues (2007, p. 19), observaram que "a inclusão da dança no conteúdo programático, nem sempre está vinculada à vivência do profissional, presume-se que o trabalho da dança deriva da necessidade de seguir o cronograma da unidade escolar (datas comemorativas e eventos especiais)". Nesse sentido, presumimos que a articulação da arte precisa ser um estímulo aos estudantes que por muitas vezes não têm contato diretamente na escola. Assim identificamos a escassez de recursos dos materiais, limitação do espaço físico e principalmente a resistência de aderir a expressividade da dança pelos alunos.

Minha experiência como bolsista do PIBID teve, em seu primeiro olhar, na primeira dinâmica onde o professor dizia algumas características, e como já esperado é sempre uma novidade ter uma bailarina, em específico as meninas viram com um olhar de curiosidade. Assim, elas começaram a demonstrar passos de dança ou outros movimentos corporais.

Imagens 1 e 2 - Registros de prática desenvolvida





FONTE: acervo pessoal dos autores.

No primeiro ano de PIBID, percebi o grande interesse das crianças em atividades com movimentos corporais, seja na corrida para o pátio da escola até no *grand ècart* para impressionar a "tia" bailarina. Quem trabalha com arte sempre será uma surpresa e desperta uma grande curiosidade a todos, principalmente quando tratamos do financeiro, ainda mais trabalhando com a docência e arte articuladas juntas.

A partir disso, durante o planejamento para uma dinâmica de integração dos alunos à UECE propôs realizar uma pequena atividade voltada à exploração do corpo por meio do movimento, não focada em dança, mas sim deles compreenderem os limites do seu corpo através da socialização com outras crianças. Eles receberam a atividade de braços abertos e se envolveram com os amigos de forma pacífica, o que impressiona por ser algo "diferente" do cotidiano deles.

Durante alguns diálogos, refleti sobre o quanto as instituições de ensino filtram o movimento da dança a partir de usar uma metodologia "mecanizada", enquanto afirmam ser contra um ensino tradicional. Dessa forma, moldam os alunos a ser meros espectadores e robôs para apenas trazer resultados à escola, enquanto perdem a estimulação da espontaneidade, criatividade e ativos.

Na seção que se segue, apresentamos as nossas considerações finais.

Conclusões

Portanto, afirmo que diante das reflexões apresentadas, compreende-se que a dança enquanto estratégia psicomotora, também se faz como uma estratégia pedagógica de forma intencional a promover os alunos um desenvolvimento motor, cognitivo e social. Sendo também relevante no contexto da escola pública quando superamos práticas educativas mecanizadas e promovemos um desenvolvimento integral.

As experiências vivenciadas no PIBID evidenciaram que apesar de enfrentarmos desafios estruturais, como falta de recursos, há um enorme potencial de engajamento por parte dos alunos, valorizando o sentido do corpo e movimento no cotidiano escolar. Assim, reafirmando a necessidade de ressignificar o espaço da arte na escola pública, compreendendo como um elemento essencial a formação humana e não como um componente secundário.

Deste modo, é viável pensar que a dança é uma prática que ultrapassa os limites da sala de aula, permitindo que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos e construtores de sua identidade. Por fim, destacamos a necessidade de ampliar discussões e pesquisas na área, fortalecendo práticas pedagógicas que integram o corpo e o movimento como uma extensão do processo educativo.

Palavras-Chave: formação docente; PIBID; arte; movimento.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

FREIRE, Ida Mara; ROLFE, Linda. Dançando também se aprende: o ensino da dança no Brasil e na Inglaterra. *In:* CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. (Org.). **O ensino de teatro**: Experiências interculturais. Santa Catarina: UFSC, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

ROCHA, Daniela; RODRIGUES, Graciele Massoli. A dança na escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 15-21, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/download/86743657/1217-Texto_do_artigo-3744-1-10-20090811.pdf. Acesso em: 27 mar. 2026.